

CONCURSO LITERÁRIO



**«NÃO
POSSO
SAIR»**
PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR 3.º ESCALÃO

Célia Pratas

No dia em que o médico me disse que eu tinha uma coisa chamada poliomielite, andava, eu própria, a pôr panos molhados na minha testa, que ardia em febre. A minha mãe dizia que só eu, para uma coisa assim e que, “só visto!, a gaiata tem tudo e mais alguma coisa”. Poucas semanas depois, comecei a sentir mais dores e dificuldades em andar, até deixar de poder correr e brincar na rua, mas prometi a mim mesma que, a partir daquela data, haveria de ser para sempre forte e nunca mais ter nada.

Maria Catarina, minha mãe, era mais ou menos pessoa; muito alta, de olhos grandes e coração duro, feito de pele, carne e sangue estranhos, que até hoje não entendo, e que se avolumaram, num só ser, em pedra cinzenta e história triste. Mulher de trabalho, de sol a sol, de vida, sem vontade de viver. Falava muitas vezes da primavera de 1918, da pneumónica, da tia Maria Adelaide, sua irmã, e do tio Manel Sezudo, que viviam em Évora, que tinham um filho internado num manicómio e que “fizeram eles senão bem” - até tinham comprado caixões para os dois e os metido debaixo da cama, junto a um saco com roupa e sapatos, para que quando a pneumónica chegasse lá a casa ninguém tivesse a preocupação de onde os meter e como os enterrar. “Mal a mal, já temos mortalha e caixão para o enterro, que não é com o outro emparvatado que vamos contar”, era o que eles diziam, duros e frios, referindo-se ao filho. E a minha mãe, a contar isto, abanando a cabeça, que sim, que tinham feito bem. “O Chiquinho-parvo tinha lá trambelho para alguma coisa, se fosse preciso. Desgraçados daqueles pais”. Nesses anos de 1918 e 1919, muita gente morreu, de norte a sul do país, pobres e ricos, bons e maus, fortes e fracos, ignorantes e bem-falantes. Desde o pintor Amadeo de Souza-Cardoso, ao tio Manel Pedro, irmão do meu pai, que era sapateiro. Desde o pianista António Fragoso, ao meu avô Baltazar, que era homem de ocupação com ovelhas e porcos e com a terra e as vinhas que lhe esculpíram aquelas mãos tão grandes e tão ásperas, mas sempre tão gentis e amigas de dar a quem mais precisasse. O primo Chiquinho também não foi poupado. Os pais, morreram de velhos. “Devias era ter vivido no tempo da pneumónica, para saberes. Matou para aí gente, sem destino. Nem tão pouco te passa pela cabeça. Não me matou a mim, porque não calhou. Por isso, não te queixes, que tu nem calculas”, dizia sempre a minha mãe, bastava eu dar um espirro, esfolar um joelho metendo mal um pé no chão, no meu eterno esforço para conseguir andar, ou bastava chorar, baixinho, com saudades do meu pai que era caixeiro-viajante. Nada a afetava. Nada lhe provocava cuidados comigo. “Tens tudo e mais alguma coisa. Tens tudo”. Tinha tudo. Não tinha amor, ou muito pouco. Só o sentia, quando o meu pai regressava a casa ou quando sonhava com ele. Todas as noites. Mas a minha mãe era como era, como os tempos são o que são e como a pneumónica foi o que foi. Mas aquele ‘tens tudo e mais alguma coisa’ nunca me saiu da cabeça, até aos dias de hoje. E nem a força ou a vontade me saíram do corpo ou do espírito. E nestes meus 82 anos, sou uma velha de cadeira de rodas, mas a conseguir conduzir família, casa, vida e sonhos. Sobretudo, sonhos. Hoje tenho tudo o que preciso. Tenho dois filhos e um neto. Tenho loiça para lavar, quadros para pintar - numa Universidade Sénior que me dá anos de vida -, tenho livros para ler e esforço-me para que tenha, muitos mais dias para lavar loiça, para ler e pintar, para aprender, para amar, para regar as minhas flores e vê-las crescer, enquanto vejo crescer o meu neto. Tenho tudo e mais alguma coisa. Não podendo sair, tenho esta vista. O meu castelo do coração. Daqui avisto aquela janela feita de quatro braços de pedra, entrelaçados. E a minha janela olha para ela e ela olha para a minha janela. Ao de longe. Mas amam-se nesse olhar à distância. Pedra que ama pedra. Amor resistente, de pedra feito. E o meu olho que tudo vê, vê isto. Mesmo que pudesse sair, não sairia nunca da terra que me acolhe e que me orgulha. Este castelo que do alto me vigia, que me protege, em quase mil anos de pedra a olhar por todos, força e presença que não esmorecem. E eu mantenho-me firme, como ele silenciosamente me ensinou. Tanta beleza. Falta-me o ar. É delicioso. Mas falta-me o ar, que é isto agora... Caio. Mesmo não podendo sair, alguém me leva. Para onde? Não sinto medo, apenas

uma enorme curiosidade. Perco os sentidos. De repente, acordo e vejo-me numa enorme sala a que ouço chamar de pesadelo. Não deixa de ser para mim, um sonho. Tenho o poder de escolher o que quero viver. E é o sonho que escolho viver. Metem-me um tubo. Imagino que estou debaixo de água, no mar Egeu, no Oceano Pacífico, ou naquele grande lago Asfaltite, onde se pode boiar o dia inteiro sem se ir ao fundo. Sinto-me tranquila... a boiar. Não me falta o ar, não me falta nada.

Estou em repouso absoluto. Fecho os olhos. Estou sempre a fechá-los. Não sei onde estou, mas não me interessa. É deixar-me estar.

Os dias passam – dizem-me que já se contam vinte - mas quanto tempo foi preciso sair de mim mesma, para saber que estou finalmente dentro de mim própria? Por mais tempo que as quatro estações do ano rodem no calendário, ano após ano, por mais que o sol irradie e floresça natureza e corações, sei que jamais me sentirei tão livre como agora.

Alma liberta e clara. Sinto-me até mais bonita, com cabelos longos, ruivos como os cabelos do meu marido. Como me sinto bonita, solta, fresca e desbravadora. De televisão desligada, mas mais ligada ao mundo, a cada coisa minúscula desta vida, mais ligada do que nunca. E de repente sinto-me a tocar piano, violino, ouço Rossini e ouço as pétalas das flores a abrir, logo de manhã. A manhã existe mais cedo, afinal. A manhã aqui começa às seis, com o abrir de uma persiana que não conheço. Ou às três, nem sei bem, porque de repente também já não sei o que é um relógio. Só escuto, um tictaquear que inventei, com o passar do tempo, que me dá muito mais jeito.

Ouçó, de repente, a vizinha do meu neto. Meu pequenino. “Avó, olha só para o arco-íris que está ali a olhar para nós”. Pois é, Francisco, nunca na vida tínhamos visto tamanho arco-íris... é gigantesco! Entra-nos pelo vidro da janela e deita-se em cima desta cama. E sabes que ao deixarmos entrar o arco-íris, tudo o que ele nos traz, é alegria e amor. Amor que se estende em cores. Cores que cheiram a uma liberdade que anda ali fora mas que nos toca aqui, em cima desta cama, onde te deitas agora, encostado ao ombro da avó. Será que mais alguém viu isto? Deixámos entrar o arco-íris! Sabes Francisquinho, é bom deixarmos entrar na nossa vida só o que queremos, especialmente quando todos pensam que estamos sem saída. Nunca estamos sem saída, quando estamos com vontade de ficar.

Continuamos, na cama, os dois, encostadinhos um ao outro, a ouvir música. Passamos os ouvidos, o sentir e o coração pela Maria Callas, pelos cantes do Alentejo, por Chopin e por Mozart e o prazer que me dá ouvir: “Avó, isto é tão bonito. Explica-me como fizeram esta música”. E eu devolvo a pergunta: meu filho, como explicar como se faz uma música? Só te sei dizer que são músicas únicas, que viverão para sempre. – “Mas estavam aí escondidas, avó, dentro da capa de um disco”. Verdade, meu filho. Estavam sem sair, dentro da capa de um disco, mas são feitas de tanto ritmo, de tanta vida. E, se quisermos, até podemos colocar o volume da música mais alto, dando-lhes ainda mais vigor. A música é mais ou menos como as pessoas, meu filho, pode sempre ser colocada mais alto. Ajuda a avó a sair da cama. Vamos subir para aquela cadeira. Isso mesmo. Olha para nós. Somos agora pássaros. “Podemos ser cegonhas, avó”? Podemos, filho. Somos duas cegonhas e vivemos no ninho mais alto do mundo. E daqui já não saímos, porque se sairmos, deixamos de estar no ninho mais alto do mundo. “Se sairmos, avó? Não devemos sair”? Não, filho, às vezes é não saindo que sabemos a que lugar pertencemos. “Não percebo, avó. Parece que estás a falar ao contrário”. E estou filho. Estou a falar quase de trás para a frente, ou de dentro para fora ou de fora para dentro. Estou a brincar com as palavras e a brincar contigo. Vá lá, vamos voar. Salta da cadeira, com cuidado. Vamos para o chão e quando lá chegarmos somos um avião a acabar de aterrar. Queres ser o avião do avô Ruivo? O Avô Ruivo era o maior. E o melhor. O meu grande amor. O meu aviador. O que voava mais alto, especialmente quando viajava de olhos fechados. “Viajava de olhos fechados, avó”? Sim, filho. Vamos experimentar

voar como ele? Deitemo-nos no chão. Fecha os olhos, abre os braços e as pernas e vamos levantar voo. Agora imagina que estamos...“Em Madagascar”! Pode ser, filho. Porque estamos lá? “Porque gosto dos animais que vi no filme. Queria vê-los mais perto”. Muito bem, Francisco. Olha tantos animais. Podemos aterrar e sair do avião. “Não, avó, não quero sair. Acabei de ver um leão ali em baixo. Aqui dentro estamos mais seguros. Nenhum animal nos pode fazer mal”. Está bem filho. Não saímos. Queres voltar para trás? “Não avó. Podemos dar mais uma voltinha, só para ver os bichos todos, aqui de cima”. Damos a voltinha, pois claro, filho. Passado um tempo, terminámos a viagem. Descansámos, deitados de novo na cama. Hora do lanche. Descasco duas maçãs. Uma está podre. Fica para mim. Dou-lhe a boa. Não tarda um abraço de reconhecimento. Avozinha, eu sei que ficaste com a maçã má. As crianças desde muito pequeninas que aprendem a ver os dois lados das coisas. Por alguma razão, elas sabem que os dois lados existem. E por alguma razão ainda maior, mais elevada e mais sagrada, elas sabem que os pais e os avós escolhem sempre o lado mais incrível, mais intacto e mais saboroso e puro para eles. E ficamos nós com o lado menos bom, o menos colorido, para lhe dar o que é protegido, o melhor. E eles percebem. Percebem tudo. E não saem dessa compreensão superior. Tudo nelas é mundo ideal. É origem, é maçã boa.

Francisquinho, onde estás, filho? Estaria eu a dormir, a dar por mim de enfiado, do avesso? Mantenho-me de olhos fechados. Permaneço no sonho, paz e tranquilidade dos quais não pretendo sair, a não ser que me peçam, com justificação doce e entusiasta. E nisto, sinto uma mão no meu ombro. Abro os olhos e, de imediato, tenho dois olhos em cima dos meus, a sorrirem. Escuto: “Amanhã já tem alta, Dona Olívia. Já pode sair”. Explicam-me o que já sabia e o que nunca tive interesse em saber. Ai que o vírus me apanhou. Coração mole, mas osso duro. Raios parta. Ai o Covid. Dezanove vezes terá o bicho pensado que eu não teria escapatória. Até me dá vontade de rir. Vão dar alta à velha. Posso sair a voar? E nisto, sinto-me mais forte e mais livre do que alguma vez me senti. Dizia-me a minha mãe, que eu tinha tudo e mais alguma coisa. Chegou o dia em que me disseram que já não tenho nada. É menos uma coisa. Menos uma coisa.



Município
Palmela